

## 9. As teias do tempo

*“Le temps est la première dimension que les archéologues ont cherché à maîtriser. L’histoire de l’archéologie est l’histoire du temps retrouvé, de nos origines projetés dans un passé de plus en plus lointain; c’est également la découverte progressive du fait que les cultures ne sont pas immuables, mais qu’elles changent au cours du temps, que rien n’est jamais acquis et que tout peut arriver”*

Gallay, 1986, p. 218

O estudo do povoamento neolítico e calcolítico, mesmo nos seus aspectos mais gerais, não dispensa, em muitos aspectos fundamentais, o estabelecimento de cronologias relativas, cuja aferição deve passar, necessariamente pela futura obtenção de estratigrafias e sequências de dados radiométricos.

A origem exclusivamente superficial dos dados disponíveis acarreta, como não podia deixar de ser, uma série de limitações intransponíveis que condicionam o alcance das leituras a seguir avançadas. Também é certo que o recurso aos paralelos com estratigrafias e datações, em áreas culturalmente próximas, não facilita ainda, pela incipiência da informação publicada, a resolução da maioria das questões.

Apesar desses problemas, creio que a comparação de uma série de variáveis, ao nível da cultura material e do enquadramento arqueológico e geográfico, possibilitam a construção de algumas hipóteses de diferenciação e sequenciação cultural.

Parti, por precaução e sempre que possível, de um conjunto limitado de sítios estatisticamente melhor caracterizados, em termos artefactuais, para a confrontação com os dados mais pertinentes, actualmente acessíveis, no contexto geográfico do Alentejo central e das áreas limítrofes.

As leituras proporcionadas pelos povoados com pouco material, pelos achados dispersos e pelos achados isolados, estão naturalmente marcadas por um maior grau de incerteza no que diz respeito à respectiva atribuição cronológica, por carecerem, por enquanto, de uma definição suficiente; este problema parece ultrapassável, pelo menos em parte, pela recolha de novos materiais de superfície, nos casos em que as condições de prospectabilidade o venham a permitir.

### **Fase I** — Neolítico Antigo (VI-V milénio a.C.)

Na região da serra d'Ossa, o possível arranque do processo de neolitização aparece documentado no povoado de Bencatel, com uma percentagem relativamente elevada de cerâmicas impressas, praticamente sem carenas, sem indústrias microlaminares e com uma presença de pedra polida relativamente superior à dos povoados neolíticos dos arredores de Évora.

Se aceitarmos a hipótese da rarefacção das cerâmicas decoradas no Neolítico médio, (Zilhão e Carvalho, 1995; Calado e Sarantopoulos, 1996), Bencatel deveria ser considerado um sítio do Neolítico Antigo Evolucionado, eventualmente com uma cronologia do V ou, no máximo, inícios do IV milénio a.C.

Por outro lado, é possível que, em alguns contextos, se tenha mantido uma significativa percentagem de cerâmicas impressas até aos alvares do Neolítico Final (Cardoso e Carreira, 1992, 1994). Neste caso, Bencatel poderia antes corresponder ao Neolítico Médio e, assim, ser atribuível à primeira metade do IV milénio.

O povoado que melhor parece corresponder a esta fase, de entre todos os que aqui se apresentam é, sem dúvida, o povoado da Valada do Mato, ao qual talvez se possam juntar os povoados dos Almendres, atribuído ao Neolítico Médio (Gomes, 1989, p. 264) e de Cuncos (Fonseca, 1987, p. 178), sobre os quais, em todo o caso, não foram divulgados ainda dados suficientes.

As características artefactuais do povoado da Valada do Mato e as datações que têm surgido ultimamente para contextos semelhantes, com nutridas indústrias microlaminares e

sem decoração cardial (Simões, 1996) ou com escassa (Zilhão, 1992; Zilhão e Carvalho, 1996), permitem propor como limite inferior para a fundação do povoado uma data, em anos de calendário, dentro do V milénio a.C., eventualmente mesmo na primeira metade.

A taça carenada impressa recolhida na Valada do Mato, caso tenha alguma relação com as carenas mais tardias, pode corresponder à época terminal da ocupação do sítio, algures dentro da primeira metade do IV milénio a.C., se não antes.

A percentagem mínima de indústrias macrolíticas neste povoado, por outro lado, torna pouco viável uma filiação no mundo languedocense do Guadiana, onde, como acontece também nos vales do Tejo e do Nabão, os artefactos microlíticos são, em contrapartida, meramente vestigiais (Oosterbeek, 1994b, p. 26, 124 e 126).

A área de Montemor-Évora, onde o fenómeno do megalitismo não funerário evidencia uma vitalidade sem paralelos, parece, ao mesmo tempo, ter sido o cenário de uma neolitização precoce do Alentejo Central, pelo menos a avaliar pelos dados disponíveis, sem dúvida ainda muito incompletos.

A elevada percentagem de sílex na Valada do Mato, em comparação com tudo o que se conhece na região, sugere uma vinculação a áreas em que o sílex estaria mais acessível e a existência, nessa altura, de canais de acesso directo ou indirecto às fontes dessa matéria-prima.

A substituição do sílex pelo xisto jaspóide, de que ocorrem já ténues vestígios naquele povoado, pode indicar uma adaptação das tecnologias líticas às disponibilidades locais de matéria-prima e, indo um pouco mais longe, uma eventual ruptura com as “origens”, processo cujas implicações se podem ler, naturalmente, em vários registos.

Essa ruptura com as origens, quer se considerem os concheiros (estuarinos ou litorais) quer se considerem os povoados litorais do Neolítico Antigo, manifesta-se, simbolicamente, na drástica aparente inversão da relação com o rio. Efectivamente, a Valada do Mato e os restantes núcleos das imediações, implicam uma opção pelas nascentes do rio, o “fim da linha” para um grupo que, a partir do estuário do Sado, ou do litoral, através desse estuário, penetrasse no *hinterland* seguindo os cursos de água. Recorde-se que é nas proximidades de Évora que se localiza o único ponto em que as bacias dos três grandes rios do Sul se tocam. São, noutra perspectiva, territórios sem rio, onde a rede hidrográfica se reduz a uma rede de ribeirinhos de regime sazonal.

Se admitirmos que os rios seriam elementos importantes numa hipotética ritualização da paisagem, a neolitização do Alentejo Interior parece corresponder a uma negação da paisagem de origem, atitude que se traduz numa adaptação a territórios completamente distintos, ou mesmo opostos, como são sempre, em relação à foz ou ao estuário, as nascentes de qualquer rio.

Esta mudança radical implicou igualmente, no plano económico, uma necessária adaptação dos meios e eventualmente dos modos de produção, a uma realidade física diferente.

A emergência do fenómeno megalítico, praticamente ausente em todas as áreas limítrofes, em termos de menires e cromeleques, implica também, no plano das superstruturas religiosas e talvez da própria ordem social, uma ruptura fundamental, com escassos ecos, quando existem, nos eventuais alfores da neolitização regional (concheiros, povoados de Sines, povoados da Estremadura, povoados ou grutas da Andaluzia ocidental).

Os cromeleques e a respectiva associação aos povoados com cerâmicas decoradas, introduzem, por sua vez, neste campo, uma possibilidade diversa, em termos de origem ou, pelo menos de relação cultural, no processo de neolitização do interior alentejano.

Pode suspeitar-se, efectivamente, a alternativa de uma via de contacto ou de acesso directo, a partir do Algarve ocidental, a única área peninsular em que se repete com alguma nitidez uma tal associação.

A hidrografia do Sul do país permite traçar um hipotético caminho que coincide com as linhas de fecho principais; este trajecto, por seu turno, ajusta-se parcialmente ao traçado de outro importante caminho natural, bem assinalado na paisagem por um extenso filão dolerítico, que cruza todo o Alentejo na direcção SW-NE: a falha da Messejana (Teixeira, Canilho e Lopes, 1969-1970).

O povoado de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) que, como se sabe, corresponde a um povoamento aberto e muito extenso, pode traduzir a sobrevivência de um eventual núcleo mais antigo, sobre o qual, no entanto, não dispomos ainda de qualquer informação. Este sítio, para além de controlar um leque de paisagens muito diversificadas (a bacia terciária do Sado, os barros de Beja e os xistos do Baixo Alentejo), parece igualmente dominar os principais caminhos do interior, posicionando-se muito próximo tanto do fecho Sado-Guadiana, como da referida falha da Messejana.

As relações que, a avaliar pela coincidência estilística das cerâmicas decoradas (Gomes, Monteiro e Serrão, 1978) parecem ter existido entre o Alentejo e o Algarve, podem, evidentemente, ter sido veiculadas de diversos modos e por outros caminhos, nomeadamente, conforme já foi aqui sugerido, através do estuário do Sado, a que se poderia aceder pelo litoral; infelizmente, carecemos ainda de datações absolutas seguras e de um estudo mais aprofundado da documentação existente, capazes de lançar alguma luz sobre a natureza das plausíveis ligações entre as duas áreas.

O vale do Guadiana, pelo menos no troço que atravessa ou delimita o Alentejo Central, (re)começaria a ser frequentado dentro de um quadro de ajustamento económico às potencialidades regionais, ainda numa fase com cerâmicas impressas e possivelmente no contexto da construção de alguns dos menires e cromeleques de Reguengos.

Note-se que esta neolitização mais antiga do vale do Guadiana, praticamente desconhecida quer a montante quer a jusante do concelho de Reguengos de Monsaraz, se define, com os dados actualmente disponíveis, na extremidade oriental do corredor que atravessa a área de Évora e se prolonga até Montemor-o-Novo.

Este alinhamento regional, define-se perpendicularmente ao rio, num sugestivo entrosamento com as mais destacadas manifestações da arquitectura menírica e, ao mesmo tempo, com as grandes vias naturais de ligação aos estuários dos Tejo e do Sado.

Por outro lado, a antiguidade relativa do troço Évora-Montemor-o-Novo é-nos fortemente sugerida pela comparação entre os espólios dos povoados de Reguengos e a Valada do Mato. A própria distribuição da cerâmica cardial, presente na Valada do Mato, no Escoural e em Cuncos e, até à data, perfeitamente desconhecida em Reguengos, pode, pelo menos provisoriamente, ser lida naquele sentido.

## ■ Fase 2 — Neolítico Médio (primeira metade do IV milénio a.C.)

Alguns dos povoados registados em redor da Valada do Mato, podem ser parcialmente contemporâneos da ocupação ou ter surgido na sequência do abandono deste *habitat*, tendo a maioria eventualmente continuado até ao início do Neolítico Final, já na segunda metade do IV milénio a.C.

A fundação de novos núcleos de povoamento com base num crescimento demográfico local, pode explicar-se por um processo de enxameamento ou outras formas de fissão, excluída a hipótese da chegada de novos grupos exógenos, que as afinidades culturais e a coerência espacial do conjunto certamente desaconselham.

Observam-se, de facto, algumas diferenças importantes, nas amostras de superfície, entre a Valada do Mato e os restantes povoados da área envolvente; estes últimos paten-teiam uma muito menor concentração de artefactos, uma presença mais apagada do

sílex e da cerâmica decorada, e observa-se o aparecimento, em boa parte deles, de taças carenadas lisas, em conjuntos de onde estão ainda ausentes, no entanto, os bordos espessados.

Já dentro da região da serra d'Ossa, o povoado do Montinho 1 (437. 3), tendo em conta o contexto geográfico e os raros materiais, integra-se na periferia da mancha de povoamento neolítico dos arredores de Évora, eventualmente na sua fase final; é notória uma escassa percentagem de cerâmica decorada e uma quantidade de percutores e pedra polida que é, estatisticamente, um pouco superior à dos restantes povoados de Évora.

Uma datação centrada no Neolítico médio ajusta-se também bastante bem à realidade artefactual dos povoados mais antigos de Pavia (Calado e Rocha, 1996), nomeadamente o do Olival (410. 10; Estampa 94, n.º 14; Est. 102, n.º 2), com algumas evidências de cerâmicas almagradas, e cuja relação com os cromeleques ou com as antas menos típicas (Correia, 1921) do complexo megalítico de Pavia, resta ainda esclarecer.

Dentro do esquema cronológico que aqui se esboça, o povoamento conhecido nesta área da bacia da Tera, poderia arrancar algures nos inícios da primeira metade do IV milénio, ou mesmo um pouco antes. A ausência de formas carenadas ou de bordos espessados reforça, pela negativa, um aparente arcaísmo, matizado, porém, pela ausência de decorações impressas.

Os menires do Carrascal que, de acordo com a cronologia relativa que venho defendendo para este tipo de monumentos, devem corresponder a um momento antigo na neolitização da região da serra d'Ossa, localizam-se nas proximidades de um possível *habitat* (440. 22), muito destruído por pedreiras, em que o traço mais evidente é a presença de enormes blocos de quartzodioritos.

É certo que, no estado actual dos nossos conhecimentos, é indispensável aceitar uma certa diacronia na construção dos monumentos meníricos (Calado e Rocha, 1996).

No contexto do Alentejo Central, uma anterioridade global dos grandes monumentos em relação aos pequenos, e sobretudo dos cromeleques em relação aos menires, conjugasse bem com a evidência disponível; de acordo com esta proposta, o Carrascal pode referir-se a uma fase final da construção destes “santuários”, dentro já do IV milénio e ainda num contexto de instalação de novos grupos em territórios até aí desocupados.

A esta fase se poderiam atribuir também alguns dos recintos megalíticos de Pavia e de Elvas, assim como o menir de Mau Cabrão (Vidigueira), todos eles implantados em áreas periféricas em relação ao corredor Montemor-Évora-Reguengos, de onde, por hipótese, os respectivos construtores poderiam ter irradiado.

Os vários povoados que, na bacia do Degebe, se estruturaram em redor de grandes afloramentos de rochas granitóides, com pouco material de superfície e, por isso, insuficientemente caracterizados, podem também, com algumas reservas, integrar-se nesta fase ou mesmo já na transição entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final.

São sítios com cerâmicas lisas, bordos sem espessamento e, no caso do povoado dos Atalhos (450. 10), com carenas e um peso de tear muito espesso; em termos de estratégia de implantação, prevalecem os modelos tradicionais que observamos nos arredores de Évora, mas também na Extremadura espanhola, em Sintra ou no Baixo Alentejo, em que os caos de blocos rochosos são um elemento recorrente em quase todos os povoados do Neolítico antigo ou de tradição antiga, até agora identificados.

A ausência de cerâmicas decoradas, exceptuando o discutível fragmento cardial do Monte da Ribeira, numa área tão intensamente prospectada como foi a bacia do Degebe, na região da serra d'Ossa, justifica, de momento, a hipótese de uma chegada a esta área dos primeiros grupos estáveis, só na primeira metade do IV milénio a.C.

O melhor paralelo, em Reguengos de Monsaraz, parece ser, entre os mais antigos, o Monte da Fidalga, com pouca cerâmica decorada, pedra polida (secção arredondada), uma carena pouco típica e um peso de tear relativamente espesso (Soares e Silva, 1992, p. 63, Fig. 7).

### ■ Fase 3 — Neolítico Final (segunda metade do IV milénio a.C.)

Nesta fase, sem aparentes sobreposições posteriores, inclui-se apenas o povoado da Horta das Nogueiras (440. 9), assim como, com menor evidência, a maior parte dos pequenos núcleos de *habitat* e alguns achados avulsos do Maciço Calcário (Alegria, Sobreira 2, Boiças 1 e 2, Convento da Luz, Quintais e Travassos).

Dentro do megalitismo da região da serra d'Ossa destaca-se, pela aparente antiguidade, um conjunto de pequenas antas de xisto cuja concentração mais notável se localiza no curso médio do Lucefece, nas proximidades do Monte do Lucas (Terena) e a que atrás fiz referência.

Recorde-se que se trata de monumentos funerários com espólios muito pobres, cuja cronologia poderia, aparentemente, enquadrar-se também na segunda metade do IV milénio ou mesmo um pouco antes.

P. Bueno, a propósito de alguns destes sepulcros da área de Valência de Alcântara escreveu que se trataria “de pequenas cistas megalíticas ou pequenas galerias” que documentariam “os momentos iniciais do megalitismo extremo”; sobre os espólios refere “fundamentalmente machados de pedra polida, micrólitos e lascas de sílex, para além de alguma cerâmica lisa” (Bueno, 1986, p. 46).

No mesmo grupo se deve, aliás, integrar uma parte dos pequenos monumentos de xisto da área de Cedillo, recentemente publicados por Jorge de Oliveira (Oliveira, 1994), autor que, como vimos, procurou explicar o fenómeno em termos da eventual indigência das comunidades dos construtores, relacionada apenas com o reduzido potencial económico da região e, portanto, sem qualquer implicação de ordem cronológica.

### ■ Fase 4 — Neolítico Final-Calcolítico Inicial (finais do IV e inícios do III milénio a.C.)

Esta fase, cultural e cronologicamente paralelizável com Vale Pincel 2, sem pratos de bordo almendrado, escasseia no estado puro, pelo menos entre os povoados com mais material recolhido. Contudo, no povoado da Cavaleira (440. 19), que representa, por enquanto, a melhor exceção, apesar de os materiais serem ainda estatisticamente pouco fiáveis, verifica-se uma sugestiva associação entre a taça carenada e as taças de bordo espessado. Estes, como já frisei, faltam na Horta das Nogueiras, o mesmo acontecendo, por exemplo, com as placas rectangulares com perfurações nos topos.

Claros Montes (410. 7), com muito pouco material recolhido sugere, pela implantação aberta e pelo entrosamento espacial com os monumentos dolménicos referidos, uma fundação relativamente antiga, eventualmente do Neolítico Final; a cerâmica decorada e o polidor de contas também se enquadram bem num ambiente de finais do IV milénio, inícios do III.

De facto, creio que a generalidade dos sítios que poderiam, numa fase inicial, integrar-se neste período, apresentam quase todos, como veremos, continuidade pelo Calcolítico inicial. Desta fase, apenas se reconheceu, na área de Évora, o povoado das Hortinhas, com taças carenadas, bordos espessados e um elevado número de mós manuais e de percutores. Trata-se, curiosamente, do povoado mais próximo da Anta Grande do Zambujeiro, com a qual se pode, de algum modo, relacionar.

### ■ Fase 5 — Calcolítico Inicial (primeira metade do III milénio a.C.)

De entre os povoados desta fase que poderiam ter tido uma origem nas fases anteriores, os mais expressivos são o Monte da Ribeira (440. 23) e a Salgada (426. 13).

As formas de inserção na paisagem e os espólios de ambos são globalmente muito semelhantes, em todos os parâmetros considerados; a exceção mais notória é constituída pelas carenas que surgem, na Salgada, com uma percentagem menos destacada. Este aspecto, e ainda as características dos respectivos contextos arqueológicos, levam-me a propor, para o Monte da Ribeira, uma certa anterioridade, em termos de fundação, em relação à Salgada; essa primeira fase do Monte da Ribeira, que suponho responsável pela elevada percentagem de carenas nos materiais de superfície, podia ser contemporânea dos povoados da Horta das Nogueiras e da Cavaleira, substituídos, de alguma maneira, pelos da Salgada e da Vigária. O povoado do Monte da Ribeira constitui, em contraponto com o da Fonte Ferrenha, a baliza mais antiga para o que considerarei aqui o Calcolítico regional, ao passo que este último parece ser o sítio mais tardio, com uma continuidade talvez ininterrupta até ao Bronze Final.

O aumento de pratos de bordo sem espessamento tinha já sido observado, com alguma nitidez, na evolução da estratigrafia do Monte da Tumba, em que esta forma chega a ultrapassar os pratos de bordo espessado. (Silva e Soares, 1987, p. 51)

As diferenças tornam-se, no entanto, mais sensíveis se compararmos as percentagens dos pratos de bordo almendrado largo, dos pesos de tear, da pedra polida, ou da introversão/extroversão dos bordos.

Com base nestes elementos da cultura material, considerarei os povoados do Cubo (441. 20), das Pereiras (440. 30) e da Carrasqueira 1 (438. 1), como os que melhor se enquadram, à partida, na mesma fase global que o Monte da Ribeira e a Salgada.

No conjunto, verifica-se que os bordos almendrados largos estão presentes em dezasseis povoados, dez dos quais também com taças carenadas.

Na área de Évora, o povoamento calcolítico aparece muito retraído em relação ao Neolítico Antigo/Médio; o povoado da Oliveirinha, com uma maioria de bordos espessados e almendrados, apresenta pesos de tear em forma de crescentes, mas também materiais de feição arcaizante, como é o caso de um fragmento de cerâmica com decoração a pente e de um mamilo perfurado.

Trata-se de um povoado implantado em redor (e no topo) de um grande rochedo granítico que se eleva cerca de 4 m acima do terreno circundante, numa área de relevo muito suavizado. Numa extremidade do afloramento, forma-se um abrigo rochoso, coberto por um grande “chapéu” natural.

No povoado da Valeira, igualmente aberto, destacam-se os bordos almendrados largos e as taças carenadas, sugerindo uma cronologia do Calcolítico Inicial.

O povoado do Alto de S. Bento, onde recolhi um espólio em que predominam as taças de bordo espessado, mas não almendrado, com um forte predomínio de lábios aplanados, aponta também para momentos iniciais do Calcolítico, talvez com uma fundação bastante anterior, se considerarmos um fragmento de cerâmica carenada e outro decorado com uma retícula incisa, depositados no Museu de Évora; a peça incisa é, por sua vez, muito semelhante a uma outra recolhida na Valada do Mato.

## **Fase 6** — Calcolítico Pleno (meados do III milénio a.C.)

O povoamento atribuível genericamente a esta fase, na região da serra d’Ossa, aparece-nos como o melhor representado, no que diz respeito ao número de sítios identificados; esta realidade parece, aliás, ser um fenómeno bastante geral no Sul Peninsular, ainda que com diferentes desenvolvimentos regionais.

Nestes povoados, as taças carenadas tornam-se vestigiais ou desaparecem e as percentagens dos pratos de bordo almendrado largo, dos bordos extrovertidos e dos pesos de

tear reduzem-se substancialmente, em relação à fase anterior. Neste grupo, integram-se os povoados de S. Pedro (451. 9), Vinha (451. 13), Famão (427. 1), Perdigoa (441. 43), S. Gens (451. 26, Serra da Sina (463. 1), de entre a amostra melhor representada artefactualmente.

Nesta fase, surgem, na região, os primeiros indícios de metalurgia do cobre, nomeadamente nos três primeiros povoados listados no parágrafo anterior.

No caso do Famão, é fundamental sublinhar a presença de cerâmica campaniforme incisa o que, em conjugação com as outras características deste povoado, o indiciam como o mais tardio desta fase, na região da serra d'Ossa, paralelizável, segundo parece, com o Castelo de Pavia.

O único povoado da área de Évora, com características semelhantes é, por enquanto, o conhecido Castelo do Giraldo (Paço, 1961; Paço e Ventura, 1961), localizado num cabeço da serra de Monfurado, com boas condições naturais de defesa e donde se avista, na margem oposta da ribeira de Valverde, a Anta Grande do Zambujeiro.

No conjunto dos materiais calcolíticos, depositados no Museu de Évora, sobressai um elevadíssimo número de pesos de tear em forma de crescente, junto com escassas placas retangulares; os bordos reforçados e almendrados estão muito bem representados mas, ao contrário do povoado da Valeira, não aparecem os bordos almendrados largos.

Este último aspecto recomenda uma datação tardia, contrariada pelo número de pesos de tear e pela ausência de cerâmica campaniforme.

#### **Fase 7** — Calcolítico Final (finais do III - inícios do II milénio a.C.)

Atendendo aos valores relativos das diversas variáveis ergológicas analisadas, a presença de cerâmica campaniforme parece verificar-se, na Fonte Ferrenha, numa fase inicial da fundação do povoado, enquanto no Famão essa mesma cerâmica poderia corresponder, pelo contrário, a um momento próximo da fase do abandono do sítio.

De facto, em termos da componente artefactual, Famão apresenta valores geralmente intermédios entre os da Fonte Ferrenha e do Monte da Ribeira, estando, por outro lado, ausentes os materiais da Idade do Bronze. As semelhanças são, em contrapartida, particularmente evidentes no que diz respeito à forma de implantação na paisagem.

Esta última fase do Calcolítico regional é representada, de forma inequívoca, apenas pelo povoado da Fonte Ferrenha, em que, como se viu, a metalurgia apresenta, finalmente, uma importância proporcional às jazidas metalíferas disponíveis na região.

Estes povoados, aqui englobados, por falta de melhores elementos, em fatias temporais muito amplas, sugerem, por outro lado, diferentes tempos de fundação, ocupação e abandono, que apenas um extenso programa de escavações pode ajudar a definir.